

# Pessimismo com situação do país derruba mercados

• IDU e C-Bonds, títulos de maior liquidez, despencaram logo na abertura em NY. Bovespa e BVRJ caem 8,50% e 7,87%

Marcelo Aguiar e Ana Paula Baltazar

• Uma onda de pessimismo em relação à economia brasileira varreu ontem o mercado financeiro internacional e provocou uma forte queda nos títulos da dívida externa e nas ações negociadas nas bolsas de valores. Títulos do país como o IDU, que vence em cerca de dois anos, e os C-Bonds, de maior liquidez, despencaram logo na abertura, em Nova York, e passaram a pagar taxas altíssimas para os investidores. Analistas passaram então a temer que, por esse motivo, o Banco Central desistisse de reduzir os juros na reunião de amanhã de seu Comitê de Política Monetária (Copom).

A queda no preço dos C-Bonds foi de 3%, fazendo com que a cotação do papel ficasse em US\$ 0,58875 por dólar de seu valor de face, abaixo da barreira psicológica de US\$ 0,60 que vinha sustentando o preço desde outubro. A Bolsa de Valores de São Paulo teve queda ainda mais acentuada, de 8,50%, e já acumula uma perda de 23,73% nos primeiros dez pregões do mês. A Bolsa do Rio teve baixa de 7,87%.

## Quadro pode dificultar redução de juros amanhã no Copom

A piora na cotação dos títulos da dívida brasileira preocupa porque pode diminuir a margem de manobra do BC para cortar as taxas de juros. Os IDUs, que vencem em apenas dois anos e são cotados em dólar, pagavam ontem uma taxa de quase 13 pontos percentuais acima dos juros dos

títulos de longo prazo dos Tesouros dos EUA, que estavam em 4,96% ao ano. Os juros do IDU, com isso, estavam em mais de 17% ao ano.

Já as taxas para um investidor externo que quisesse aplicar no Brasil ontem não passavam de 13% ao ano, pelas cotações dos contratos futuros de juros (DI) e de dólar. E ainda assim por prazos curtíssimos, já que há liquidez apenas para os contratos futuros de dólar com vencimento no fim do mês.

O temor do mercado é de que, diante dessas taxas, o BC seja obrigado a reduzir os juros menos do que gostaria. As taxas indicadas pelos juros futuros, com isso, tiveram forte alta. Os contratos que indicam a expectativa

de juros para janeiro, os de maior liquidez, saltaram de 29,47% para 30,81%. Mesmo as projeções para o fim deste mês, que normalmente já deveriam estar estáveis, subiram de 31,19% para 31,66%.

A maior parte do mercado continua acreditando em uma pequena redução dos juros na reunião de amanhã do Copom, para algo entre 28% a 30% ao ano, mas ainda assim houve uma sensação de desconforto. O BC não corroborou qualquer análise que falasse em desistência no corte de juros e manteve sua política das últimas semanas, reduzindo a taxa do overnight mais uma vez em 0,2 ponto percentual. Os juros básicos ficaram em 34,40% ao ano.

O clima na abertura do mercado já não era bom devido ao pes-

simo resultado do fluxo cambial de sexta-feira, quando o país teve perda líquida de mais de US\$ 650 milhões. Ontem, a pressão voltou a ser forte e houve nos bancos quem falasse em saída líquida novamente acima dos US\$ 600 milhões. A perda de divisas, entretanto, ficou em cerca de US\$ 500 milhões. Segundo operadores do mercado de câmbio, o BC impediu que essa saída de capitais forçasse para cima o preço do dólar vendendo diretamente a moeda americana a quem quisesse comprá-la, evitando que essas operações passassem pelo mercado.

Muitos bancos compraram logo a moeda para se antecipar a pagamentos que terão que ser feitos em dólar no futuro, o que provocou um aumento nas saídas pe-

lo mercado de taxas flutuantes. Até as 19h30m, as saídas pelo fluante eram tão grandes quanto as pelo câmbio comercial.

As bolsas de valores sentiram a tensão e já abriram em baixa. O volume de negócios, muito baixo até o meio da tarde, fez com que a queda fosse ainda mais acelerada e chegasse logo à casa dos 8%. No fim da tarde, entretanto, um leilão de R\$ 110 milhões em ações da BNDESPAR e uma operação direta entre duas empresas de um mesmo grupo, no valor de R\$ 100 milhões, levaram a bolsa a atingir o volume financeiro de R\$ 533 milhões.

A Bolsa de Nova York fechou ontem em baixa de 1,43%, em meio às preocupações com o processo de impeachment movido

contra o presidente Bill Clinton e a novos informes de queda de lucro no último trimestre do ano. As ações da Mattel foram as que mais caíram ontem (26,14%), depois que a maior fabricante de brinquedos do mundo anunciou que os lucros de 1998 ficarão 30% abaixo da previsão.

Influenciadas pela quarta queda consecutiva em Wall Street e pela desvalorização do dólar em relação ao marco alemão e ao iene, as principais bolsas da Europa fecharam em baixa ontem. Em Londres, a queda foi de 0,13%; em Paris, de 0,88%; e em Frankfurt, de 0,29%.

## No Japão, voltam as preocupações com os bancos

A maioria das bolsas de valores asiáticas também fechou em queda ontem, pressionada por más notícias sobre a economia local e pelo mau desempenho do mercado externo nos últimos dias. A Bolsa de Tóquio caiu 2,04%, depois que o Banco do Japão divulgou uma pesquisa trimestral mostrando que a confiança dos empresários na economia caiu em dezembro. O Índice Takan no último trimestre do ano ficou em -56 (diferença entre o número de empresas que informam condições favoráveis e as que informam condições negativas), contra -46 no trimestre anterior.

Segundo os operadores, os negócios também foram influenciados pela notícia da estatização do Nippon Credit Bank, que fez voltar preocupações sobre a saúde do sistema financeiro local. ■

